

ECOS DE UM LUGAR VIVIDO: MEMÓRIAS E NARRATIVAS ESCOLARES NA FORMAÇÃO DOCENTE

Eixo 1 – Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Educacional

Thalita de Cassia de Souza Paixão⁵⁰

Resumo

Compreende-se o espaço escolar como um acontecimento que, quando revisitado a partir das experiências individuais de cada sujeito, pode ser continuamente ressignificado. Então, nessa perspectiva, este estudo problematiza como as narrativas de professoras da educação básica revelam os sentidos produzidos ao serem convidadas a se conectarem com os ambientes escolares que viveram sua formação ainda na infância e adolescência. O objetivo foi compreender de que maneira a rememoração contribui para a produção de significados sobre a constituição da docência. A pesquisa, de abordagem qualitativa, se fundamenta na pesquisa narrativa e na perspectiva biográfica. As análises evidenciaram que o espaço escolar ultrapassa sua dimensão física, permanecendo vivo nas lembranças. Conclui-se que narrar possibilita recriar o passado, reconhecer a escola como espaço permanente de formação e entender a docência como uma trajetória em constante construção.

Palavras-chave: Formação docente; Narrativas (auto)biográficas; Espaço escolar.

Introdução

No último ano da graduação e mais especificamente no último semestre do curso antes da tão esperada colação, ao cursar a disciplina de Estágio Obrigatório nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental III, fiz a opção de realizá-lo na escola em que cursei todo o meu Ensino Fundamental. Porquanto, foi naquele espaço que permaneci durante oito anos, vivenciando experiências que atravessaram minha infância e adolescência e que participaram da constituição da minha trajetória pessoal e formativa. Assim, retornar como estagiária partiu de um desejo pessoal de realização, um gesto de reencontro importante com o espaço físico, com uma história pessoal de escolarização e, sobretudo, com professores/as que ainda faziam parte daquela instituição e que, de alguma forma, também fizeram parte da minha vida. Esse reencontro revelou algo que a experiência de estágio, por si só, dificilmente proporciona, que é a possibilidade de ver, de perto e de forma "palpável", o fruto de uma dedicação diária e silenciosa de docentes que, ano após ano, formam crianças e adolescentes para trilhar caminhos que talvez nunca cheguem a conhecer.

Foi esse movimento, o de olhar para o mesmo espaço físico ocupando um outro lugar, o de quase professora, que então se tornou de grande contribuição, transformar uma lembrança afetiva em uma pergunta de pesquisa: o que acontece quando um professor/a é convidado a visitar, hoje, os espaços escolares que habitou quando ainda era aluno/a? Que lembranças emergem desse movimento de volta? E de que forma essas lembranças seguem atravessando e constituindo o modo como esse sujeito exerce a docência no presente?

Essa identidade, no entanto, não se deixa reduzir a um único percurso de formação inicial. “A formação docente se constrói ao longo de toda a vida (*life learning*) e em todas as circunstâncias da vida (*lifewide learning*), pela complementaridade entre aprendizagens formais, não formais e informais” (Passeggi, 2016, p. 75). Não há, portanto, um único tempo nem um único lugar em que a formação docente se encerre, pois ela se configura como um processo contínuo, tecido ao longo da trajetória de vida de cada sujeito. Nesse percurso, as experiências escolares vividas na infância e na adolescência constituem marcas que podem ser retomadas, ressignificadas e incorporadas à compreensão que os/as professores/as constroem sobre si e sobre a docência. Assim, é nesse horizonte que se insere esta pesquisa, cujo objetivo consiste em compreender de que forma as

50 Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Servidora pública municipal, atuando como Assistente Técnica. Integrante do projeto de pesquisa “Relações Educativas na Perspectiva dos Atores Educacionais: Tecendo Narrativas de Crianças e Docentes em Formação”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Faed/UFMS). E-mail: thalita.paixao@ufms.br.

lembranças dos espaços escolares vividos na infância e na adolescência atravessam e constituem a identidade docente de professores/as da Educação Básica.

Esta pesquisa se inscreve no campo da Pesquisa Biográfica em Educação, adotando o método biográfico como lente teórica para compreensão das fontes narrativas. Como recurso metodológico, optou-se pela escrita de narrativas de si como fonte empírica para análise, considerando que escrever sobre a própria trajetória é uma possibilidade de o sujeito ressignificar sua história de vida e a escolha pela docência, fazendo do próprio relato um “[...] balanço do vivido em busca de sentido para a existência” (Bergamaschi; Almeida, 2013, p. 18). É esse movimento de ressignificação, e não a mera descrição cronológica de fatos passados, que esta pesquisa busca captar por meio dos relatos escritos das professoras participantes.

Contribuíram com esta etapa da pesquisa três professoras da Educação Básica, identificadas como Professora Marielly, Professora Giovana e Professora Beatriz que permitiram a utilização dos nomes na produção desta pesquisa. As participantes possuem formação em licenciaturas distintas, como Pedagogia e Educação Física, e atuam na Educação Básica. Em comum, compartilham a experiência de mobilizar em suas narrativas lembranças de suas vivências nos espaços escolares durante seu processo de escolarização, a partir das memórias que consideraram significativas. Em duas das narrativas, esse percurso também inclui o retorno ao ambiente escolar em outro momento da trajetória, já na condição de futura professora ou profissional da educação.

A seleção das participantes não se orientou pela área específica de formação, mas pela condição de serem professoras licenciadas em exercício na Educação Básica e pela possibilidade de produzirem narrativas acerca das lembranças dos espaços escolares vividos durante sua própria formação.

Essa escolha se sustenta na própria natureza do método biográfico, considerando, a partir das contribuições de Bueno (2002, p. 18), a subjetividade como elemento constitutivo desse modo de investigação. Nessa perspectiva, a narrativa não é tomada apenas como confirmação de uma análise teórica previamente estabelecida, mas como possibilidade de compreender os sentidos construídos pelos sujeitos a partir de suas experiências. Reduzi-la a essa função significaria, ainda, um empobrecimento do próprio método, conforme a discussão apresentada por Bueno (2002), ao retomar Ferrarotti, que defende a centralidade dos materiais primários e de sua “subjetividade explosiva” no método biográfico (Ferrarotti, 2014 *apud* Bueno, 2002).

Por se tratar de narrativas livres, que fluem conforme a vontade de quem narra, não há, nesse tipo de produção, a pretensão de confirmar respostas previamente esperadas. Isso se justifica porque a memória é compreendida como um processo de reconstrução da experiência. Nessa perspectiva, Bergamaschi e Almeida (2013, p. 22), ao dialogarem com Thomson (2001), ressaltam que as histórias rememoradas não constituem representações exatas do passado, mas interpretações que evidenciam determinados aspectos das experiências vividas, ajustando-se às identidades e às aspirações construídas no presente. Assim, as compreensões construídas pelo pesquisador podem ser confirmadas ou não a partir das narrativas produzidas, sendo o diálogo entre os referenciais teóricos e aquilo que emerge dos relatos o que possibilita ampliar a compreensão do objeto desta pesquisa, voltado a entender de que maneira as lembranças dos espaços escolares vividos na infância e na adolescência permanecem presentes e participam da constituição da identidade docente.

O convite foi realizado por meio de canais de comunicação e redes sociais, sendo direcionado, de forma ampla, a professores/as formados/as em diferentes cursos de licenciatura, buscando alcançar profissionais da Educação Básica que pudessem contribuir voluntariamente com a pesquisa a partir de suas histórias de vida e memórias escolares. Aos interessados, para a produção das narrativas foram encaminhados às orientações apenas para compreensão, em arquivo digital (Microsoft Word). Como complemento às narrativas, foi solicitado, também, o envio de uma imagem da fachada da escola rememorada, quando houvesse essa possibilidade, com o intuito de relacionar a narrativa a um espaço concreto integrante da experiência lembrada, ampliando as oportunidades de compreensão das memórias produzidas, assim, pelas participantes que mostraram interesse.

A presente investigação integra o projeto de pesquisa “Relações Educativas na Perspectiva dos Atores Educacionais: Tecendo Narrativas de Crianças e Docentes em Formação”, desenvolvido pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Narrativas Formativas (Gepenaf), vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Faed/UFMS). O projeto constitui um estudo de caráter abrangente, do qual derivam pesquisas de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, tendo como objetivo compreender as relações educativas a partir das experiências e dos sentidos atribuídos pelos sujeitos às suas trajetórias formativas.

Nesse contexto, a presente pesquisa se configura como um recorte desse projeto-guarda-chuva, se voltando especificamente para a compreensão de como as lembranças dos espaços escolares vividos na infância e na adolescência participam da constituição da identidade docente. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), e todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), manifestando sua concordância em participar da investigação, conforme os procedimentos éticos estabelecidos.

Para tanto, a seguir a pesquisa apresenta as narrativas das professoras participantes, organizadas em torno da rememoração do espaço escolar vivido na infância, seguidas de discussão sobre os modos como essas memórias se articulam à trajetória docente atual e das considerações finais do estudo.

O espaço escolar da infância rememorado pelas professoras: ressignificações afetivas

"[...] Nossos fragmentos de memória individual e coletiva se transmutam em recursos, em fertilizantes, em inspiração" (Josso, 2007, p. 435).

A afirmação de Josso (2007) na epígrafe que abre este eixo de sentido sintetiza, em poucas palavras, o que esta pesquisa se propõe a investigar, pois memórias não são resíduos inertes de um tempo que passou, mas material vivo, capaz de alimentar e transformar quem somos no presente. Se um fragmento de memória pode se converter em recurso e em inspiração como mencionado pela autora, é porque a lembrança não permanece somente no passado, ela segue constantemente trabalhando, silenciosamente, sobre as escolhas, os valores e as práticas de quem a carrega/consegue rememorar. Portanto, é justamente esse constante trabalho silencioso, aplicada especificamente às lembranças do espaço escolar vivido na infância e na adolescência, que esta pesquisa busca tornar visível na trajetória de professores/as da Educação Básica.

Essa premissa teórica ganha contorno mais concreto quando se observa que a lembrança da escola tende a ocupar, entre os processos de rememoração biográfica, um lugar muito favorecido em um “pódio” nas nossas vidas e histórias. Assim, em sua experiência com ateliês de escrita autobiográfica na pós-graduação, Passeggi (2011, p. 151) observa que, no momento inicial de rememoração livre, “[...] em sua maioria, (as lembranças da escola) constituem-se em experiências fundadoras”, acontecimentos cuja carga afetiva deixa marcas duradouras na trajetória do sujeito. É a memória de um tempo que passou, mas que, precisamente por ter sido precursora, não deixou de marcar quem hoje trilha o caminho da docência.

Nas narrativas analisadas, o espaço escolar aparece, antes de tudo, como lugar de vínculo. A Professora Marielly Jesus descreve a escola como palco de pequenos rituais de sociabilidade que hoje soam quase que cinematográficos se olhado e visto com ternura, onde o trajeto até a escola cantado ao som de Justin Bieber⁵¹ e One Direction, as paradas para tomar tererê⁵² na casa de uma amiga, os desenhos pintados nos muros da instituição junto com a turma: “Eu me sentia uma artista, e essa atividade aproximava ainda mais toda a turma” (Professora Marielly Jesus, narrativa, 2026). A sala de aula, nesse relato, chega a ser nomeada como um lugar de refúgio: “minha sala de aula tornou-se um verdadeiro refúgio para mim, um lugar onde me sentia acolhida, como se fosse uma família” (Professora Marielly Jesus, narrativa, 2026).

A fachada da escola apresentada pela participante, reproduzida na Figura 1, registra ainda hoje os desenhos feitos por sua turma nos muros, mencionados em seu relato como parte da memória de pertencimento àquele espaço.

⁵¹ Justin Bieber é um cantor pop canadense, e One Direction foi uma *boy band* britânica-irlandesa, ambos populares mundialmente entre o público infantojuvenil na década de 2010.

⁵² Bebida típica do Centro-Oeste e Sul do Brasil, especialmente do Mato Grosso do Sul, preparada com erva-mate moída e água gelada, consumida coletivamente em uma cuia compartilhada entre os participantes.

Figura 1 – Fachada da escola da infância – Professora Marielly



Fonte: Arquivo Pessoal – Professora Marielly Jesus – fotografia enviada à pesquisadora em 2026.

A permanência desses registros permite aproximar a materialidade do espaço escolar das lembranças da participante, evidenciando como determinados lugares permanecem vinculados às experiências e aos sentidos atribuídos a eles ao longo do tempo.

Na narrativa da Professora Giovana Lima fica evidenciado uma relação distinta com a memória escolar, marcada por lacunas: “Não tenho muitas memórias da época em que estudei na escola, pois tenho certa dificuldade para lembrar de alguns momentos” (Professora Giovana Lima, narrativa, 2026). É significativo, no entanto, que, mesmo diante dessa dificuldade de rememoração, duas lembranças específicas permaneçam nítidas e que, de certa forma, ambas estejam diretamente ligadas a vínculos afetivos vividos dentro do espaço escolar, cuja fachada a participante também apresentou como parte de seu relato (Figura 2). Assim, essa diferença entre os relatos ilustra bem o que Josso (2007) chama de pluralidade das formas de existencialidade, pois a memória escolar não se apresenta de modo uniforme entre os sujeitos, mas os fragmentos que resistem ao esquecimento, sejam eles muitos ou poucos, tendem a ser justamente aqueles carregados de maior densidade afetiva.

Figura 2 – Fachada da Escola da infância – Professora Giovana



Fonte: Arquivo Pessoal – Professora Giovana Lima – fotografia enviada à pesquisadora em 2026 recuperada de arquivos pessoais.

Já a Professora Beatriz de Oliveira rememora sua trajetória escolar a partir de uma perspectiva mais abrangente do espaço vivido. Pois, em sua narrativa, a escola é apresentada como um lugar marcado por experiências felizes, amizades, brincadeiras e pelas relações estabelecidas com professores/as e colegas. Onde, ao recordar ela afirma que foi ali que “vivi momentos muito felizes, construí amizades verdadeiras e dei os primeiros passos na minha trajetória como estudante” (Professora Beatriz de Oliveira, narrativa, 2026). Diferentemente das narrativas anteriores, que se organizam em torno de episódios específicos, sua memória

mobiliza o conjunto das experiências vividas na escola, mencionando o pátio, os corredores, as salas de aula, o recreio e o carinho das/os professoras/es como elementos que permanecem vivos em sua lembrança e que contribuíram para que aquele ambiente fosse percebido como um espaço de acolhimento e pertencimento.

Figura 3 – Fachada da escola da infância – Professora Beatriz



Fonte: Arquivo Pessoal – Professora Beatriz de Oliveira – fotografia enviada à pesquisadora em 2026.

O eixo mais expressivo entre os relatos analisados é justamente o papel do cuidado demonstrado por professores/as como experiência inicialmente marcante na construção da futura identidade docente das próprias narradoras. Sobre essa dimensão, a Professora Marielly Jesus relata um episódio preciso, em um momento em que se sentiu desprotegida, uma professora interrompeu a aula para declarar publicamente que se importava com ela e que qualquer ameaça deveria ser reportada primeiro a ela. A narradora é explícita quanto ao efeito duradouro desse gesto: “Essa atitude me fez sentir acolhida e protegida, deixando uma marca que levo comigo até hoje na minha prática docente” (Professora Marielly Jesus, narrativa, 2026).

A Professora Giovana Lima, por sua vez, narra a relação com uma professora da pré-escola em termos próximos ao parentesco: “Ela era muito atenciosa e cuidadosa, e eu sentia como se ela fosse uma segunda mãe para mim.” Ao ser analisada a narrativa, ficou perceptível um vínculo com a professora ainda mais significativo, pois, segundo o relato, a professora sabia da ausência da mãe e, “de alguma forma, tentava me oferecer acolhimento e afeto” (Professora Giovana Lima, narrativa, 2026). Dentro do conceito de afetividade a autora Silva (2019, p. 173) entende como um fator importante no relacionamento entre professor e aluno e o ambiente de aprendizagem caracteriza que a docência envolve o professor em sua totalidade. Sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso comigo mesmo, com a sociedade e sua transformação. Ainda segundo Tassoni (2000, p. 3):

As experiências vividas em sala de aula ocorrem, inicialmente, entre os indivíduos envolvidos, no plano externo (interpessoal). Através da mediação, elas vão se internalizando (intrapessoal), ganham autonomia e passam a fazer parte da história individual. Essas experiências também são afetivas. Os indivíduos internalizam as experiências afetivas com relação a um objeto específico.

Diante das narrativas, a lembrança que se converte em marca duradoura não é da ordem do conteúdo pedagógico, mas do gesto relacional, do cuidado como prática docente que se inscreve na memória e, décadas depois, se reencontra na própria maneira de ensinar dessas profissionais. Assim, é esse saber silencioso, de geração em geração, de alunos/as que se tornam professores/as, que a pesquisa biográfica ajuda a tornar visível de forma leve mas perceptível.

A tabela a seguir reúne elementos presentes nas narrativas das participantes, permitindo visualizar aspectos que emergem de suas experiências e das relações estabelecidas com a escola ao longo de suas trajetórias.

Tabela 1 – Elementos emergentes identificados nas narrativas das participantes

Elemento evidenciado nas narrativas	Professora Marielly Jesus	Professora Giovana Lima	Professora Beatriz de Oliveira
Relações familiares mediando a experiência escolar	Presença constante do avô acompanhando a vida escolar e posteriormente autonomia no percurso até a escola.	Ausência da mãe ressignificada pelo acolhimento da professora da Educação Infantil.	Não aparece explicitamente.
Experiências de amizade e convivência	Caminho até a escola, tererê, músicas, amizades que permanecem até a vida adulta.	Não enfatiza amizades, mas reconhece experiências vividas durante a adolescência.	Construção de amizades verdadeiras, brincadeiras e convivência cotidiana.
Significados atribuídos aos espaços da escola	Sala de aula como refúgio, muros da escola como lugar de criação coletiva.	Corredores da escola adquirem novo significado durante o retorno no estágio.	Pátio, corredores, salas e portões aparecem como espaços carregados de lembranças e pertencimento.
Professores/as como referência afetiva	Professora que a protegeu e marcou sua futura prática docente.	Professora percebida como “segunda mãe”, oferecendo cuidado e acolhimento.	Professores/as lembrados/as pelo carinho e como inspiração para sua atuação profissional.
Memórias sensoriais do espaço escolar	Canções, caminhada até a escola, pintura dos muros.	Predominam lembranças de acontecimentos específicos.	Sons das crianças brincando, alegria dos intervalos, sensação de segurança e acolhimento.
Ressignificação da escola na docência	Retorna como professora e é reconhecida pela antiga docente.	Retorna durante o estágio se reconhecendo como futura pedagoga.	Reconhece que as experiências vividas orientam sua prática como professora de Educação Física, ainda que não apareça em sua narrativa o retorno físico à escola.

Fonte: Elaborada pela autora (2026), a partir das narrativas produzidas pelas participantes.

Os elementos apresentados na Tabela 1 não buscam reduzir as narrativas a categorias analíticas fixas, tampouco homogeneizar experiências que são singulares e tão ricas de significados. Pois, ao interpretar as lembranças produzidas pelas participantes, foi possível identificar que não se restringem à recordação de acontecimentos ou pessoas, mas também mobilizam experiências sensoriais, emoções e percepções do espaço escolar que é algo que, se torna tão rico dentro do método biográfico. Assim, na narrativa da Professora Beatriz de Oliveira o som das crianças brincando, a alegria dos intervalos e a sensação de acolhimento evidenciam que a memória é reconstruída também por meio das sensações associadas aos espaços vividos que podem despertar lembranças e momentos.

Essa compreensão se aproxima das reflexões de Neto e Santos (2017), que, ao investigarem memórias escolares por meio de narrativas autobiográficas em sua pesquisa, identificaram maior recorrência de lembranças relacionadas às experiências psicossociais, afetivas e relacionais do que propriamente aos conteúdos escolares, evidenciando que os sujeitos tendem a rememorar a escola a partir dos vínculos estabelecidos naquele contexto. Nas narrativas, as amizades, o acolhimento, o cuidado, os espaços de convivência e as relações construídas com professores/as e colegas ocupam lugar central nas memórias revisitadas, enquanto os conteúdos/metodologias aparecem de maneira quase que secundária no primeiro momento quando se revisita a escolarização. Assim, Alexandre (2016, p.496) sintetizou que “Não há desenvolvimento humano sem as diversas facetas e laços sociais, dentre elas a afetividade”.

Outro eixo que emerge das narrativas diz respeito ao retorno ao espaço escolar em uma nova posição, não mais como aluna, mas como profissional da educação. A Professora Marielly Jesus narra o reencontro,

durante uma substituição, com uma antiga professora de Educação Física, hoje responsável pela biblioteca da escola: “Com muito orgulho, saiu me apresentando para todos como sua ex-aluna. Foi um momento extremamente especial, que guardarei para sempre em minha memória” (Professora Marielly Jesus, narrativa, 2026). Já a Professora Giovana Lima, em um movimento semelhante, durante o estágio da faculdade, atribui a esse retorno um sentido de continuidade biográfica: “Dessa vez, porém, a sensação foi diferente, eu não estava entrando na escola como aluna, mas como futura pedagoga [...] percebi que estava construindo meu caminho profissional no mesmo espaço que fez parte da minha formação” (Professora Giovana Lima, narrativa, 2026).

Esse movimento de retorno, identificado nas narrativas das Professoras Marielly Jesus e Giovana Lima, e também na trajetória da pesquisadora, conforme relatado na introdução, mostra que a escola não permanece como um cenário estático das lembranças da infância e da adolescência. Ela apenas passa a ser continuamente ressignificada pelas experiências docentes ali vividas. Nessa direção, Santos, Bard e Sousa (2024, p. 17) afirmam que “[...] a presença de professores ordinários com formação crítica tem potencial para transformar, com suas práticas, o lugar escolar em espaço escolar.” Conforme colocados pelos autores, a compreensão desloca o entendimento da escola como um espaço meramente físico ou institucional, mas colocando também como um ambiente que ganha novos sentidos a partir das relações, das práticas e das experiências daqueles que a habitam.

Assim, o retorno evidenciado pelas narrativas à instituição onde estudaram revela um processo de atribuição de novos significados ao espaço escolar, agora vivenciado sob um outro olhar. Como assinala Costa (2023, p. 8), “[...] ‘voltar para casa’ está intrínseco à característica peculiar de que a profissão do magistério é a única em que o indivíduo ao terminar curso, escolhendo trabalhar na docência, não mudará de ambiente”. As memórias da infância e da escolarização passam a dialogar com os desafios e as responsabilidades do exercício profissional, fazendo com que o mesmo lugar seja continuamente reconstruído pelas experiências presentes.

Entretanto, as narrativas analisadas permitem compreender que a potência formativa desse processo não se restringe ao retorno físico à escola propriamente dito. Ainda que esse reencontro potencialize a reflexão sobre a própria trajetória e que permaneça vivo dentro das narrativas, a relação construída com a instituição durante a escolarização permanece produzindo sentidos ao longo da vida profissional. Nessa direção, Costa (2023, p. 9) afirma que “A relação com sua escola eterna forjaria, inclusive, seus outros ambientes de trabalho, mesmo se essa volta não fosse concretizada”. Assim, tal compreensão permite inferir que a escola de origem continua a habitar a constituição do sujeito-professor, influenciando sua maneira de compreender a docência, de se relacionar com os estudantes e de produzir sua prática pedagógica, independentemente de esse retorno ocorrer materialmente ou não em algum momento da sua vida. Desse modo, o espaço escolar deixa de ser apenas o cenário onde a formação inicial se realizou para se firmar como uma referência permanente, continuamente ressignificada pelas experiências, pelas memórias e pelos sentidos que acompanham a trajetória docente.

Considerações Finais

O caminho investigativo escolhido e desenvolvido nesta pesquisa permitiu compreender que o retorno das participantes ao espaço escolar anteriormente vivido como alunas, possibilitado pelas lembranças que permanecem vivas e pelas contribuições da pesquisa narrativa, constitui um movimento de produção de sentidos sobre a própria trajetória docente. Longe de representar um reencontro com um passado preservado, esse retorno evidencia que a escola é continuamente ressignificada pelas experiências que nela se constroem ao longo do tempo.

O mesmo espaço físico passa a ser habitado a partir de outra posição, fazendo coexistir, na narrativa, diferentes temporalidades e experiências que dialogam entre si. Portanto, nessa perspectiva, as narrativas revelam que a constituição docente não é um percurso previamente delineado, mas um processo tecido nas relações, nas vivências e nas interpretações que cada sujeito produz sobre sua própria história. Dito isso, Passeggi (2021, p. 111), contribui ao pontuar que “nós não pegamos a agulha e a linha para bordar nossa história, nós somos a agulha, a linha e o bordado que fazemos sobre o tecido da vida.” Assim, ao se conectarem, por meio da memória, aos espaços escolares que marcaram suas infâncias e juventudes, as participantes não apenas rememoram acontecimentos, mas reconstróem seus percursos formativos, atribuindo novas alusões às experiências vividas podendo se reconhecer, simultaneamente, como sujeitos constituídos pela escola e constituintes desse mesmo espaço.

Nesse movimento, foi possível compreender que a docência não se constitui apenas a partir da formação inicial ou da experiência profissional acumulada após a formação acadêmica, mas também das marcas deixadas pelas vivências escolares anteriores, quando ainda não se podia prever que futuramente também iriam ocupar o espaço como professoras.

Os resultados alcançados também reforçam a potência da abordagem narrativa como caminho metodológico para compreender os processos de formação docente. Ao narrar suas experiências, as participantes não apenas recuperaram lembranças, mas produziram reflexões sobre elas, atribuindo novos significados às experiências vividas. Nesse sentido, a narrativa se constitui não apenas como um caminho investigativo, mas como um espaço de elaboração das próprias experiências, no qual as lembranças são revisitadas e ganham novos sentidos a partir do presente, permitindo acessar dimensões da formação que dificilmente seriam evidenciadas por outros percursos investigativos com a mesma riqueza e profundidade.

Assim, os achados desta pesquisa permitem compreender que a constituição da identidade docente se desenvolve de maneira constante, privilegiado pelas experiências vividas, pelas memórias que permanecem significativas e pelas sucessivas interpretações que os sujeitos realizam de suas próprias trajetórias. O espaço escolar, inicialmente experimentado na condição de estudante e posteriormente ocupado na condição de professora, se revela como um lugar privilegiado de produção de sentidos sobre si, sobre a profissão e sobre a educação, que dificilmente se pode encontrar e viver em outras áreas de formação.

Por fim, esta investigação não pretende encerrar as discussões acerca das relações entre memória, narrativas e formação docente. Ao contrário, abre possibilidades para novas pesquisas que aprofundem a compreensão de como diferentes experiências escolares, em distintos contextos e trajetórias, continuam participando da constituição dos/as professores/as ao longo de sua vida profissional. Cada retorno possibilita a abertura de novos capítulos interpretativos, nos quais o sujeito não encontra apenas o espaço de outrora, mas também uma nova versão de si mesmo. Assim, o lugar permanece fisicamente o mesmo, talvez com as mesmas janelas, bancos e corredores, mas o olhar que se projeta ao olhar para aquele lugar é transformado pelas marcas de relação construídas ao longo da existência, permitindo que novas compreensões emergjam sobre a própria formação e sobre as experiências que constituíram a identidade docente.

Referências

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; ALMEIDA, Dóris Bittencourt. Memoriais escolares e processos de iniciação à docência. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 15-41, jun. 2013.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

COSTA, Waleska Rodrigues. A constituição do professor formador. **Revista nuestaAmérica**, n. 21, e7508813, 2023.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, ano XXX, n. 3 (63), p. 413-438, set./dez. 2007.

NETO, Ingrid Luiza; SANTOS, Higor Barreira dos. Investigação das memórias escolares de estudantes universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 561-571, set./dez. 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Reflexividade narrativa e poder auto(trans)formador. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 44, p. 93-113, jan./mar. 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PINEAU, Gaston. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

SANTOS, Julio Cesar Floriano; BARD, Raquel Quintina Pereira; SOUSA, Sandra Novais. Constituição da identidade docente em suas práticas cotidianas: diálogos entre Certeau e os métodos do espaço biográfico. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 68, e024008, p. 01-20, 11 abr. 2024.

SILVA, Silvana Lovera. A dimensão da afetividade na relação professor/aluno. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 2, p. 168-175, 2019.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 23., 2000, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: ANPED, 2000. Disponível em: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2026.